

Do virtual ao real

Uma iniciativa para socializar com os vizinhos do mundo virtual para a vida real se espalha por toda a Itália e alcança Argentina e Chile

STEFANIA PELUSI

Levante a mão quem conhece os vizinhos de casa ou da rua. Hoje em dia, as relações de boa vizinhança são cada vez mais raras, sobretudo para quem mora nas grandes cidades. Após algumas palavras trocadas no elevador, cada um se fecha na própria casa.

Esse era o caso do jornalista italiano Federico Bastiani. Era, porque desde setembro de 2013, graças à sua iniciativa chamada *social street*, já tem mais de 50 novos amigos vizinhos.

— A *social street* é uma modalidade simples e econômica para construir um sentido de comunidade nas cidades, socializando com os próprios vizinhos de casa — explica à **Comunità** Federico, originário de Altopascio, na província de Lucca, e residente há 10 anos na capital da Emília-Romanha.

Tudo começou no centro de Bolonha, na bonita rua Fondazza, onde ele reside há três anos com a esposa sul-africana Laurell Boyers-Bastiani e o filho Matteo, que esse mês comemora dois anos.

— Apesar de viver há três anos na mesma rua, não conhecia ninguém. A culpa não é das pessoas que não

são sociáveis, mas por questões de tempo: eu saio de casa às 6 da manhã e volto às 8 da noite. Então, não tenho muitas ocasiões para socializar com as pessoas — conta o redator de 36 anos que atualmente tem dois trabalhos.

A centelha para dar vida a essa iniciativa nasceu em agosto do ano passado. Federico, além de ser jornalista, é pai de um lindo menino de cabelos encaracolados e estava preocupado porque seu filho brincava sempre em casa sozinho e não tinha amiguinhos.

— Às vezes, quando andava pela estrada, ouvia algum pequeno grito de criança, mas como podia entrar em contato com eles? Não podia bater à porta de todo o mundo — diz o jovem toscano formado em economia empresarial que descobriu a paixão pelo jornalismo após uma viagem a Buenos Aires e o encontro com as mães da Praça de Maio.

Foi assim que, para entrar em contato com os vizinhos, criou um grupo fechado no Facebook chamado *Residenti in via Fondazza - Bologna* (moradores da rua Fondazza-Bolonha). O uso da rede social foi fundamental por ter permitido uma comunicação rápida, além de poupar tempo e dinheiro, acredita o idealizador.

O segundo passo foi imprimir alguns cartazes em que avisava o nascimento do grupo e colocá-los nos lugares mais visíveis da rua.

Como criar uma **social street**

O objetivo principal é fazer com que moradores da mesma rua ou do mesmo bairro socializem e possam se ajudar nas necessidades do cotidiano, compartilhando informações e opiniões. Não deve haver lucro envolvido, apenas uma finalidade social. O *social street* não procura nem defende qualquer posição política, religiosa ou ideológica. É um projeto de todos para todos.

— No cartaz eu explicava que criei o grupo para conhecer os meus vizinhos e poder socializar para compartilhar ideias, projetos e iniciativas. No começo, jogavam fora os papéis, pensando que fosse propaganda, porém não desisti e continuei a colocá-los no domingo de manhã perto das lixeiras e nas caixas de correios. Pouco a pouco, as pessoas começaram a se inscrever — afirma entusiasta o pai do grupo que já alcançou 800 participantes na rua Fondazza.

A base de tudo é a confiança que, segundo Federico, é fundamental para que o *social street* funcione. É uma associação? Federico esclarece: é um grupo de cidadania ativa, pessoas que querem socialização entre eles com base na vizinhança.

— Por exemplo, se uma pessoa se muda para uma cidade nova, com quem socializa? Pode ir para academia e fazer novos amigos, conhecer colegas no trabalho e ou se inscrever em um curso de dança e socializar com outras pessoas, mas se trabalha 12 horas por dia, não tem muitas ocasiões para socializar — ressalta.

Os dois níveis do projeto que mudou a rua Fondazza

O criador explica que a *social street* tem dois níveis. O primeiro é virtual: socializar através da rede social. Uma senhora escreveu: “O meu médico está se aposentando, alguém conhece algum que seja bom e more neste bairro?”. Em poucos minutos, vários vizinhos comentaram o *post*, deram dicas e aconselharam bons profissionais.

Surgiram comparações com fóruns na internet ou com o site *tripadvisor*, mas a *social street* vai além.

— Nós trabalhamos para criar uma relação de confiança entre os vizinhos, não é apenas uma troca de informações entre desconhecidos — esclarece Federico.

O segundo nível do projeto é conhecer os vizinhos pessoalmente. Por isso, o slogan é “do virtual ao real virtuoso”.

Do virtual ao real

4

A parte mais interessante é que você pode conhecer virtualmente as pessoas que moram perto de você e transformar esses contatos do virtual para o real. Você pode criar eventos no Facebook para conhecer pessoalmente os outros vizinhos e interagir com eles.

Criar um grupo fechado no Facebook

1

A primeira coisa é criar um grupo fechado, usando seu perfil na rede social. Para ser encontrado pela barra de pesquisa é necessário que o nome do grupo esteja no formato: *Moradores da rua/prça/bairro - Cidade - social street*. O grupo deve ser fechado para proteger a privacidade das pessoas que participam. O fundador é como um moderador que dirige as propostas e ideias do grupo, mas não é o líder absoluto, pois a *social street* é uma organização em horizontal, sem chefe. O membro tenta ser o mais democrático possível: compartilhar está na base desta filosofia.

Promover o grupo

2

Depois de criado no Facebook, se anuncia a existência do grupo através de um cartaz. É preciso apenas uma folha de papel em que se indica o nascimento do grupo, o objetivo de socializar e um link, como, por exemplo, “*Residentes na rua Fondazza - Bolonha*”. Depois disso, tiram-se cópias e se colocam os cartazes nos lugares mais visíveis da rua, nas caixas de correios dos edifícios, sob portas das casas ou em lojas.

Administrar o grupo

3

A ideia é que o grupo se administre sozinho, mas isso dificilmente acontece. O fundador ou os membros do conselho de administração devem manter “vivo” o grupo com conteúdo e ideias, mesmo que sejam simples. Por exemplo, o grupo da rua Fondazza criou um álbum fotográfico para trocar objetos que não são utilizados. As possibilidades são muitas. Lembre-se sempre que a *social street* não deve tornar-se um esforço desproporcionado, mas um prazer. O Facebook permite que você interaja com os outros a qualquer momento. É importante compartilhar experiências e necessidades.

Fonte: www.socialstreet.it

— Estamos tentando levar as pessoas a saírem do Facebook, descer para a rua e se encontrarem. Por isso, criamos vários eventos, como a *social dinner* (jantar social). Ontem à noite, eu e a minha esposa convidamos para jantar um jovem casal que mora no outro prédio, com o qual a gente já tinha conversado através do grupo virtual — declara Federico que, antes de conhecer o casal pessoalmente, respondeu a um anúncio e emprestou a cadeirinha para o filho pequeno dos vizinhos.

Na página dos *fondazziani*, como se chamam informalmente, nasceram também outros grupos de interesse, como o de quem que gosta de fazer trilhas e organizam *social trekking* (caminhadas sociais) para explorar as colinas de Bolonha e o daqueles que compartilham o interesse pela música.

Graças a esse movimento, nasceu o *mummy cinema*, uma iniciativa idealizada pela esposa de Federico. A primeira sessão aconteceu no Cinema Odeon. O projeto é dedicado a todas as mães (e pais) que querem assistir a um filme sem renunciar à companhia dos filhos pequenos. O proprietário do cinema, que faz parte dos *fondazziani*, abre as portas no sábado pela manhã para que os pais possam entrar com o carrinho de bebês e as mães possam amamentar em liberdade em um lugar com iluminação suave e som reduzido.

Os negociantes também se apaixonaram pelo projeto e propõem “preços sociais” para os moradores, como sessão de cinema a 5 euros, em vez de 8, pizzeria com desconto e *bistrot* com promoções.

Cada residente pode propor ou dar sugestões, como o fotógrafo profissional Gilberto Benni, que deu a ideia de fotografar os rostos da rua Fondazza para criar uma memória histórica da rua e organizar um encontro entre todos os vizinhos. A iniciativa teve sucesso e no dia 9 deste mês será inaugurada uma exposição com as imagens.

— Criamos o evento através do Facebook e imprimimos cartazes para avisar aos residentes que não usam as redes sociais. Em um domingo de manhã, nos encontramos na rua para tirar as fotos — comenta Federico, que não esperava tanta repercussão.

A *social street* da rua Fondazza não é apenas “filho” de Federico, mas também de Luigi, aposentado que ajuda a imprimir os cartazes; de Sabrina, que ofereceu a máquina de lavar para um grupo de estudantes



cujo aparelho estava quebrado; de Marta, que todas as manhãs ouvia Matilde tocar piano e agora se tornou sua professora de música; da senhora Carla, de 70 anos, que se cadastrou no Facebook só para participar do grupo; dos webdesigners que criaram o site de graça; e do senhor Massoud, dono da lojinha que virou ponto de encontro entre os *fondazziani*. Segundo os cálculos, na rua residem cerca de 1500 pessoas, e metade participa virtualmente e dos encontros organizados.

— Já atingimos o nosso objetivo. O potencial da sociabilidade e a coesão entre os vizinhos podem ter horizontes infinitos e isso eu experimento a cada dia. O número não é importante, o ponto é se conhecer. Há três anos, eu não conhecia ninguém da rua Fondazza, e agora tenho pelo menos 50 novos amigos — afirma Federico que, em novembro, no dia do seu aniversário, organizou o primeiro *social birthday*, do qual participaram muitos vizinhos desconhecidos. Para ele, foi a melhor festa de sua vida.

A verdadeira comunidade de vizinhos está pronta a intervir em ocasiões difíceis, como quando um sistema elétrico queimou pouco antes do Natal, e uma menina que mora sozinha em Bolonha teve que deixar o apartamento às 5 de manhã.

“A sociedade está cada vez mais individualista e nos momentos de crise isso atinge um nível excessivo. O isolamento dá medo. E saber que não se está sozinho é uma sensação boa”

Federico Bastiani, criador da *social street Residenti in via Fondazza*



Os *fondazziani*, moradores da Rua Fondazza, em Bolonha, onde nasceu a primeira *social street*, e o idealizador da iniciativa, Federico Bastiani, no aniversário de um ano do filho Matteo

— Ela escreveu um *post* pedindo ajuda e às 6 horas já tinha recebido vários convites de vizinhos para o almoço e jantar. Teve até uma pessoa que ofereceu hospitalidade em sua quitinete por um mês, pois estava viajando de férias. E ninguém conhecia a moça pessoalmente — conta o jornalista, que ficou comovido.

De acordo com ele, a rápida propagação da iniciativa não se deve à crise econômica, mas a uma crise social.

— A sociedade torna-se cada vez mais individualista e no momento de crise alcança o excesso, e o isolamento dá medo. Saber que uma pessoa não está sozinha é uma sensação boa — analisa.

A experiência já está criando seguidores: em poucos meses, nasceram outras *social street* na cidade de Bolonha e em outras 150 ruas no *Belpaese*, de Roma a Palermo, de Milão a Ferrara. Em pouco tempo, foram criadas *social street* em Portugal, Argentina, Chile e Nova Zelândia.

— Não existe uma fórmula mágica. Cada rua é um mundo à parte e tem a sua história. Por isso, gostaria de entender o funcionamento dessa iniciativa no nível de países, como, e por que não, no Brasil?— sugere Federico Bastiani. 